Aula 6

AS FONTES HISTÓRICAS

META

Apresentar a multiplicidade das fontes na pesquisa histórica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

avaliar a importância das diversas fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica.

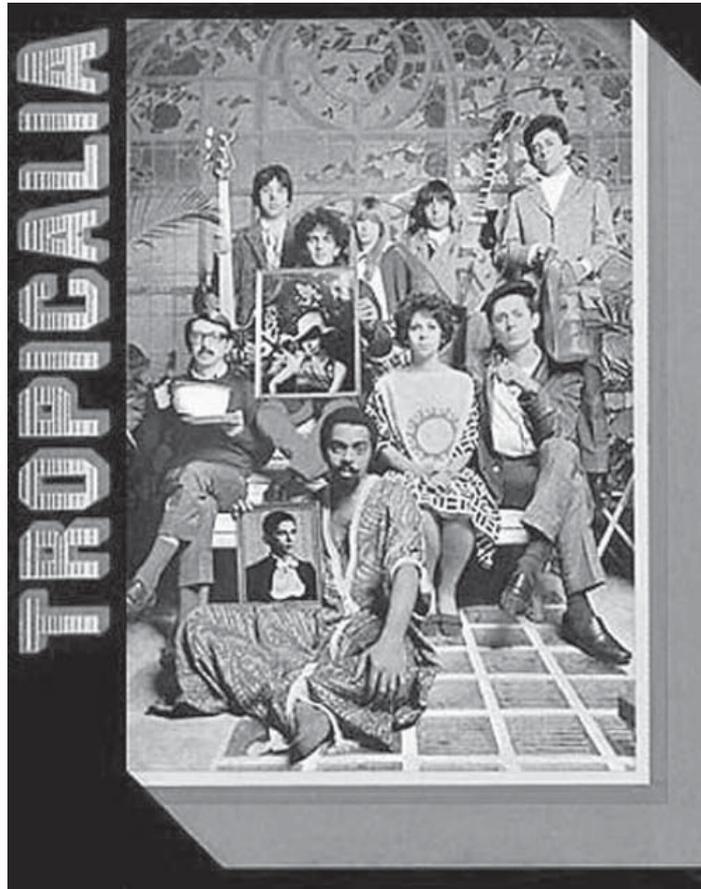
PRÉ-REQUISITO

Conhecimento da noção de “documento”.

Petrônio Domingues

INTRODUÇÃO

Olá! Você já aprendeu que a História, além de utilizar o tempo como aliada, ainda se faz com documentos.

Mas, que tipos de documentos são esses? Lemos, na aula anterior, que o documento pode ser escrito como não escrito, pois esta noção de fonte histórica, em nosso tempo, foi ampliada. Daí, a literatura erudita e de cordel, uma música, um filme, os depoimentos orais ou as obras literárias e administrativas, todos são considerados documentos. Com as inúmeras possibilidades de fontes, de que maneira, então, o historiador escolherá sua fonte? Quais são os critérios a serem utilizados? Vamos, portanto, conhecer mais um pouco sobre as fontes históricas nesta aula.

A Tropicália, movimento cultural brasileiro que surgiu na década de 1960, mesclou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. As capas dos discos permitem ao historiador inúmeras possibilidades heurísticas (Fonte: http://www.maturana.files.wordpress.com/2006/10/tropicalia.jpg).

FONTES HISTÓRICAS

A ciência histórica precisou adaptar seus métodos de pesquisa às condições extremamente diversas dos períodos e dos aspectos do passado por ela estudados. Os historiadores do Egito faraônico, da Grécia antiga, da sociedade feudal, da arte barroca ou da sociedade capitalista, por exemplo, não podem utilizar os mesmos gêneros de documentos. O historiador deve adaptar seus métodos de pesquisa às condições diversas dos temas que ele estuda no passado.

Assim, um historiador da arte deve recorrer aos próprios monumentos. Isto não quer dizer que ele não possa usar documentos escritos. Os textos, neste caso, terão uma importância secundária, embora permitam ao pesquisador compreender o ambiente técnico, econômico, intelectual e sentimental em que nasceram as obras a serem explicadas. Além disso, os textos ainda podem oferecer a esse historiador da arte dados indispensáveis, concernentes à data de sua execução ou à identidade de seus autores. Mas, nesse caso, eles serão uma fonte secundária. O historiador da economia capitalista, ao contrário, voltará suas atenções, principalmente para os documentos escritos: arquivos bancários, estatísticas, correspondências mercantis, etc.

O leigo talvez tenha mais dificuldade em compreender a necessidade de adaptar os métodos de pesquisa aos períodos históricos. O domínio técnico da pesquisa impõe a circunstância de predominar a **documentação arqueológica**, no período antigo, e os textos, ou seja, a documentação escrita, à medida que avançamos pela Idade Média e adentramos os tempos modernos.

Ver glossário no final da Aula

Um especialista em Idade Antiga pode conhecer bastante a respeito desse período histórico. Neste caso, a documentação propriamente arqueológica iguala ou ultrapassa o volume da documentação escrita (atos públicos ou privados, fontes narrativas) que chegaram até nós. A ação destruidora do tempo, mais perversa ao frágil material em que se escreve do que à pedra, ao mármore ou bronze, é o ponto de partida para uma situação à qual somos forçados a nos ajustar.

Ao historiador da Antigüidade, compelido pela própria natureza das fontes de que dispõe aos estudos dos monumentos, dos vestígios arquitetônicos, da escultura, substitui-se o especialista do escrito, a partir da história da Idade Média. No entanto, precisaremos esperar pelo século XI para que a informação escrita se torne mais densa. Os anais, as crônicas, os atos públicos e privados, as obras literárias, multiplicaram-se. Mas, como observa Georges Duby, "é ainda muito relativa a luz lançada sobre a cena histórica". O nascimento dos Estados modernos, acarretando a consolidação da "burocracia", está

Moeda medieval (Fonte: http://www.gloriadaidademedia.blog

nas origens da proliferação dos documentos administrativos, o que tem lugar no século XIII. É então que o registro (isto é, a transcrição em volumes encadernados) dos atos públicos expande-se amplamente e atinge quase todos os escalões da administração estatal.

A partir do século XVI, o historiador fica submerso pelo oceano da documentação escrita. É desnecessário insistirmos nas razões desta superabundância. Trata-se, inicialmente, da invenção da imprensa e da difusão da escrita, hoje em dia amplamente divulgada num mundo cuja população não cessa de aumentar. Trata-se, também, do simples fato de que, tendo adquirido o "senso da história", respeitamos muito mais o documento histórico e procuramos os meios de preservá-los. Além disso, a burocracia triunfante em todos os regimes, seja qual for sua ideologia, multiplicou, em proporções inimagináveis, os papéis conservados nos escritórios pela necessidade prática ou por simples espírito de rotina. A máquina de escrever e, contemporaneamente, os microcomputadores e os modernos processos de reprodução (diariamente inventam-se novos meios) oferecem à administração a possibilidade da multiplicação indefinida dos relatórios, circulares e notas de serviços.

As administrações não são as únicas a multiplicar os documentos. A produção literária aumentou, também, à medida que o sistema educacional expandiu-se: os lazeres e o acréscimo das capacidades econômicas das massas aumentaram, elevando o número dos leitores a proporções sem precedentes. O homem moderno, aliás, parece experimentar um gosto especial pela análise psicológica e pelas confissões públicas: isto nos é

demonstrado por uma boa parte da literatura histórica e, mesmo, da literatura popular. Surgiram categorias de documentos às quais o historiador dos tempos modernos deve conceder especial atenção. A imprensa – jornais, revistas e periódicos – tem um pouco mais quatro séculos de existência e só há mais de cem anos que se transformou no poderoso meio de informação que hoje conhecemos. Mal chegara ao seu pleno desenvolvimento, e já encontrou a concorrência de novas fontes de informação e documentação – o rádio, o gravador, o disco, o cinema, a televisão e, mais recentemente, a internet – que introduziram na historiografia meios alternativos de apreensão do passado.

Documentos virtuais (Fonte: http://www.dnt.adv.br/images/documento_eletronico.jpg).

Eis que surge uma nova variedade de historiadores. A impressão, relativamente justificada, de estar em pé de igualdade com o testemunho (não se trata unicamente do testemunho escrito, mas também das fontes monumentais e orais) facilita espantosamente a tarefa do historiador. Quanto mais longe estamos dos documentos, não só no tempo, mas também pela diferença de mentalidade que nos

separa de seus autores, tanto mais é necessário entregarmo-nos a um trabalho crítico aprofundado, para avaliarmos o valor histórico ou, mais simplesmente ainda, de sua autenticidade. A própria atitude do historiador "modernista" frente às fontes, então, poderá parecer sutilmente diversa da de seus colegas devotados ao estudo da Antigüidade e da Idade Média. Sempre será mais fácil para uma pessoa do século XXI compreender diretamente o estado de espírito e as reações de um senhor de engenho que escreveu um diário em Sergipe no século XIX do que decifrar os vestígios arqueológicos das populações indígenas dessa região antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

O essencial não reside, porém, nos matizes das atitudes psicológicas e críticas, mas sim na circunstância de que o historiador dos tempos modernos e contemporâneos dirige-se cada vez mais a variedades de documentos cuja interpretação exige aptidões e conhecimentos que, há cerca de cinqüenta anos, ninguém sonharia em mencionar. Graças a esta documentação superabundante, não há aspecto da história moderna e contemporânea capaz de escapar à nossa curiosidade, enquanto a ausência, a raridade ou a simples imperfeição das fontes muito freqüentemente limitam nossas ambições relativas à história da Antiguidade ou da Idade Média.

População indígena pré-cabralina.

ATIVIDADES

Caro aluno, você se depara, diariamente, com várias fontes de pesquisa histórica. Discuta com seus colegas, através do chat disponível, sobre as variadas fontes que poderiam ser utilizadas em sua cidade para contar a história social e cultural. Depois, teça comentários e discuta com seu tutor.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você deverá observar que existem inúmeras fontes a serem utilizadas para contar a história de sua cidade. Elas vão desde a placa de inauguração da praça central aos documentos escritos arquivados na prefeitura, na biblioteca das escolas, etc. A escolha desse material vai depender somente de que história você quer construir...

CONCLUSÃO

Predominância do escrito, abundância e variedade inesgotável dos testemunhos; tais são, em definitivo, os caracteres da documentação histórica dos tempos modernos e contemporâneos. Somente quando comparados com estas riquezas quase excessivas é que os testemunhos das épocas anteriores podem parecer pobres. Percebe-se que, na prática histórica, uma das tarefas inevitáveis consiste em saber procurar e recolher os documentos.

RESUMO

Vimos que a História precisa ser escrita a partir de fontes. Estas fontes podem ser escritas ou não, mas é imprescindível que se leve em conta a necessidade de cada pesquisa para estabelecer os critérios de escolhas. Daí, os textos terem uma importância secundária quando se trata de uma pesquisa cujo objeto é uma obra de arte.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter (org). **A escrita da História.** São Paulo: Editora Unesp, 1992.
DUBY, George. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Editora da UFRJ, 1993.
GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: Difel, 1977, 142-150.
PINSKY, Carla Bussanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

GLÓSSARIO

Documentação arqueológica: Monumentos, material funerário, obra de arte etc.